

ESTA É UMA PRÁTICA DE CULTURA DE PAZ?

Maria do Carmo Alves do Bomfim
Maria José da Costa Sales

Introdução

As escolas, assim como outros espaços de socialização de pessoas, hoje e sempre, refletem as várias diferenças das sociedades onde estão inseridas, transformando-os em ambientes multiculturais (SERRANO, 2002, p.9) por seus múltiplos impactos e circunstâncias que influenciam a vida das pessoas. De que maneira? De um lado, há aquelas que cultivam valores positivos substanciadores da dignidade humana, de outro, há aquelas que reproduzem valores que depreciam a condição humana, em muitos casos prejudicando a convivência no meio escolar interferindo sobremaneira nos processos de conhecimentos trabalhados, seja os saberes da experiência seja os historicamente sistematizados pelas/os estudiosas/os. Desta coexistência, surgem muitos conflitos, mas resultam tanto motivações para a prática de educação de valores tendo como norte o exercício da democracia, quanto aqueles que desrespeitam os Direitos Humanos. Essa contradição, em parte, alenta convivências saudáveis entre discentes, docentes, gestoras/es, técnicos administrativos e de apoio e, até mesmo visitantes: mães, pais, pessoas da comunidade do entorno da escola e de outras paragens e, em outra parte, provocam desinteresses pelo trabalho chegando a gerar a síndrome de *burnout*.¹

¹ Doença psíquica precedida por esgotamento físico que resulta em três problemas de saúde: ausência de envolvimento afetivo com as pessoas no ambiente de trabalho, desgaste emocional e despersonalização dos/as profissionais, em outras palavras exaustão física e emocional, em especial aquelas/es que trabalham nas áreas de saúde, educação e segurança.

Essa condição vem se prolongando desde as últimas décadas do século XX e na primeira do século XXI. Com os impulsos da globalização acelerada, em moldes neoliberais, “acentuou sua lógica destrutiva” (ANTUNES, 2001), predominam relações autoritárias chegando mesmo às violências, embora se reconheça esforços governamentais com certos investimentos: da atualização de conhecimentos para gestores e docentes – capacitação em nível superior, segunda licenciatura, cursos de aperfeiçoamento, especialização e, em pequena parte, mestrado e doutorado, bem como atividades complementares às aulas (xadrez, atividades artísticas e artesanais, dentre outras) e, ainda, em equipamentos eletrônicos e material didático.

Entretanto, inspiradas em orientações da UNESCO e do relatório coordenado por Delors (1996) e intuindo sobre a pluralidade cultural e a heterogeneidade que caracterizam o ambiente escolar, sabedoras de que todas as pessoas e todas as práticas não são absolutas, mesmo em meio a um clima de muita (des)ordem, algumas/alguns profissionais percebem que a escola não é somente um *locus* de reprodução dos males produzidos pelas sociedades onde estão inseridas (BOURDIEU, 1996). E se perguntam: como trabalhar com grupos de crianças e adolescentes que não têm referências de convivências saudáveis e que enfrentam dificuldades de aprendizagem? Refletindo sobre tais condições, professoras, professores junto com gestoras/es de escolas onde atuam, começam a construir relações de boa convivência, exercitando a tolerância como valor positivo de convivência humana, buscam “brechas” para provocar mudanças nas suas práticas, por meio do exercício do ato de pensar e inventar alternativas pedagógicas administrativas, respaldadas pelo capital cultural adquirido em vários anos de experiência docente e por



uma forte dose de cultivo de sensibilidade humana (ARAÚJO, 2008) como prática de sobrevivência profissional e espírito de solidariedade. É o caso da professora Carlita², cuja experiência está em análise.

Hoje, em escolas de muitos estados brasileiros são construídas com experiências de Cultura de Paz, como exercício de enfrentamento de conflitos pessoais e coletivos e, sobretudo, como preservação da vida de cada um/a e do planeta (MORIN, 2003) e melhoria das formas de viver junto.

Neste sentido, no presente texto, pensamos em analisar a experiência de uma professora e de seus/suas alunos/as da escola “X” que, embora possua alguns equipamentos básicos todos apresentam-se com debilidades: quadra de esporte exposta ao sol num clima diário entre 35 a 40 graus; o espaço destinado à biblioteca é precário e dispõe de acervo limitado onde alguns anos funcionou como “guarda-livros”; o laboratório de informática não funciona, tendo em vista que a escola não dispõe de acesso a um sistema de banda larga; foram criados um blog e um “cantinho de leitura” por um grupo de estudantes, mas nenhuma destas tentativas funcionou em decorrência do não funcionamento do laboratório e apenas um pequeno grupo dispõe de internet em casa; mas o maior problema é que a maioria dos funcionários são admitidos de forma terceirizada e a qualquer momento ocorrem demissões, a exemplo da recente demissão de um vigia sem justa causa, deixando a gestora em estado emocional abalado.

Situada na zona sul da cidade de Teresina, a referida escola é rodeada por uma diversidade de empresas e instituições cujas alunas e alunos não têm condições de acesso: de pequenos a grandes comércios, supermercado, igrejas católica e

² Nome fictício.

evangélica, centros sociais, centro espírita, salões de beleza, a maternidade estadual, quartel de polícia, hospital militar, padarias de uma rede de uma única empresa, casas e conjuntos habitacionais com apartamentos habitados por pessoas de classe média baixa, churrascarias, sushis, tudo mediado por uma avenida movimentada por trânsito intenso, com ligações com a zona norte e zona leste de Teresina. A agitação nesse bairro tem provocado muitas práticas de violência. Alunas e alunos habitam no próprio bairro e outros circunvizinhos. É nesse contexto que se constroem tentativas de início de espaços de diálogos entre docente e discentes.

Fragmentos de uma Experiência Docente

Em três turmas de 5º ano do ensino fundamental da escola supramencionada, para complementar o ensino de Língua Portuguesa, a professora Carlita assumiu as aulas de leitura e produção de texto no HP – Horário Pedagógico – destinado ao cumprimento de tarefas de complementação do ensino da Língua Portuguesa, bem como o tempo para exercício de relaxamento e descanso dos seus/suas alunos/as. A citada professora, nos primeiros contatos com as turmas, passou a conhecer adolescentes muito inquietos praticando conversas paralelas ao conteúdo discutido nas aulas e atitudes desrespeitosas, traduzidos muitas vezes em agressão verbal ou física. Apenas uma pequena parte da turma ficava atenta, desejando participar. Parte delas/es continuava a conversar e cochichar ou ainda a insultar os outros com nomes obscenos. Outras/os beliscando colegas; outra parte “enredando” os atos de violência verbal ou agressões físicas e praticando *bullying*: apelidos ou humilhações àqueles que admitiam serem os mais “fracos”, os “gordinhos”, os “negros”, os mais tímidos e



os homoafetivos ou aos que liam com menos habilidade de leitura, porque ainda não sabiam ler com fluência. Enfim, no espaço da sala de aula predominavam insultos ou provocações a todos, inclusive àqueles deficientes (“especiais”) que apresentam transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TADH), ou outra diferença.

Assim, todos os dias a professora ouvia “enredos” de alunos que estavam sendo perturbados por aqueles que se autodenominavam mais “fortes” seja por serem mais fluentes na atividade de leitura seja pela força física, por exemplo: “professora, fulano está me ferindo...”! Outro grupo reclama do barulho, de modo que a professora, em alguns dias, chega a alterar a voz para ser ouvida, usando a estratégia de contar em voz alta de 1 até 50, 60..., de modo que eles e elas chegavam a perceber sua mudança de atitude. Silenciavam. E o que fazia a professora? Utilizava diversas estratégias. Começava a discutir com a turma algumas regras de convivência: capacidade de ouvir as outras pessoas, tolerar; perdoar colegas, amigos e parentes mais próximos como a mãe, o pai, a irmã ou irmão; praticar na vida pessoal ensinamentos orientados pelas religiões de cada um/a e até fazer orações como o *Pai Nosso* e a *Oração do Estudante*.

Em alguns dias, no início da aula, após alguns minutos de silêncio começa o ti, ti, ti: conversas paralelas e mais uma vez a professora em voz forte, faz novas reflexões: Quem são vocês? Pessoas humanas ou animais irracionais? Como vamos conviver e trabalhar juntos? Estamos num galinheiro ou numa sala de aula? Com essa provocação, ocorre um breve silêncio e um aluno pede a palavra e se manifesta em defesa dos direitos da criança e do adolescente, com o seguinte discurso: “professora, a senhora está desrespeitando nossos direitos...” Está nos chamando de galinhas”? Em resposta ao questiona-

mento do aluno, considerado um dos melhores da turma, a professora Carlita levanta outras perguntas: “Você considera normal o comportamento de estudantes que não têm limites, não respeitam colegas e a professora que está aqui para desenvolver um trabalho junto com vocês? O que você e os/as demais desejam na vida, educar-se e se tornar grandes homens e mulheres com bom futuro profissional, ou não? “Seria possível aprender a ouvir, fazendo silêncio, falar quando for a vez de cada um/a, de forma educada, dialogando, negociando e fazendo algum acordo de boa convivência social”? A turma silenciou mais uma vez. Desde, então, começou uma experiência que é muito recente e que apresenta mudanças, conforme sentimento da citada professora. A cada dia, semana, meses, problematizando (FREIRE, 1998), ao exercitar a tolerância (SERRANO, 2002), pequenas conquistas ocorrem.

Refletindo detidamente sobre as condutas vivenciadas por alunas e alunos daquelas turmas, ainda muito angustiada a professora sentiu a necessidade de conhecer a história de vida de cada um/a. Decidiu dedicar tempo no conhecimento da história de vida de cada aluna/o, desde a primeira semana de aula. Assim, após a coordenadora pedagógica repassar os conteúdos que deveriam ser trabalhados nas turmas de 5º ano do ensino fundamental, a professora, antes de desenvolver qualquer conteúdo específico de Leitura, simultaneamente, passou a conversar com as pessoas que trabalham há mais tempo naquela escola sobre os conflitos de cada aluna/a; conversando pessoalmente e em pequenos grupos com as/os adolescentes, objetivando conhecer suas histórias de vida, o que vem lhe permitindo construir espaços de confiança entre ela e seus/suas discentes, iniciando assim um processo de conhecimento e relações de afeto com seus/suas interlocutores/as em sala de aula. (JOSSO; CRISTINE, 2002).



Neste sentido, passou a construir um estudo do perfil da turma: número de meninas e de meninos em cada sala, faixa etária do grupo de discentes, pessoas que constituem as respectivas famílias, as relações entre mãe/pai e filhas/os, como brincam em família e na comunidade onde moram, o grau de indisciplina deles/as, o nível de leitura de cada um/a, dentre outras questões. Sabedora de alguns desses dados que caracterizam o perfil de seus/suas alunas/os, continuou a sua reflexão e pensou: o que fazer diante daquela realidade? Como conseguir que aquelas/es discentes chegassem a ter um pouco de calma? Quais são suas origens? Que método usar? Decidiu, então, gastar tempo dialogando como primeira estratégia! Enfim, como reinventar a escola? (PEIXOTO, Ana Maria Casasanta, 2005, p.15). Assim, o fez por vários dias. Depois, então, começou a usar alguns métodos de “Supernane”, uma personagem do programa de ajuda a pais e mães com filhos indisciplinados, por não conseguirem dar limites; programa exibido em um dos canais de TV brasileira. Adotou algumas estratégias utilizadas pela referida personagem.

Continuando a conhecer a trajetória de vida de cada aluna/o, Carlita procedeu novas reflexões: se autoperguntando e indagando ao grupo de alunas e alunos como construir um entendimento entre ela e a turma; não desiste, não se desespera, faz várias tentativas de entendimento lançando desafios para toda a turma e especificamente para aqueles mais inquietos. Por exemplo: duas alunas **A** e **G** (que se destacavam no grupo pelo tamanho, a beleza, as habilidades de lidar com a leitura e a liderança que desempenhavam), por serem muito inquietas, puxavam conversas paralelas atrapalhando a atenção dos outros. A professora dedicou tempo para conversas pessoais, elogiando todas as suas habilidades, pediu ajuda as duas para colaborarem com toda a turma.

Trilhando ainda por outros caminhos, buscou possibilidades de diálogo com o conjunto da turma e muitas vezes individualmente com cada adolescente, em pequenos grupos construindo outros questionamentos. Dessa forma, Carlita, professora de Língua Portuguesa, consigo mesma tenta responder tais questionamentos buscando novas soluções. Para algumas chega a obter sucesso, para a maioria, não. Conhecendo passo a passo, foi descobrindo: aquelas meninas e aqueles meninos vivem muitas tensões. É preciso, pois, trabalhar com elas e eles a Língua Portuguesa, sem ferir as suas suscetibilidades, e sim enfrentando cada conflito. De que maneira? Diz ela: “uma certeza eu posso ter”: devo entrelaçar vida e conhecimento específico da minha disciplina na prática profissional. Muitas são as formas de construção. Uma possibilidade é partir da experiência e conceitos delas e deles, dos conflitos que as/os inquietam tentando exercitar práticas que elevam a autoestima, exercitam valores positivos e respeito aos Direitos Humanos.

Assim, chegou a um diagnóstico por meio das conversas junto à direção e à coordenação da escola. Foi definido um certo perfil da personalidade e das atitudes de cada aluna/o: a maioria convivia com muitas tensões oriundas do ambiente familiar. A primeira história comovente é a do **H**, filho de uma mãe usuária e prisioneira por tráfico de drogas ilícitas, que se apresentava agressivo, verbalizava muitos nomes obscenos, não respeitava professores e colegas. Mas a professora Carlita tentava ganhar a confiança dele, quando então percebeu que ele tinha uma letra muito bonita e grande talento para o desenho. Mesmo raivoso e de cara fechada, aos poucos ele foi mudando seu comportamento, chegando a declarar “carinho” pela sua professora. Esta, ao saber de sua história – ele mora com uma senhora que cuida dele com carinho – passou a com-

prender as razões de tanta indisciplina, desatenção e insultos com *bullying*. Experiência dessa natureza a fez, em cada momento, abordar outros/as adolescentes, a exemplo do **L**. Apresentando-se também raivoso, **L** tinha surto de raiva, ódio e se transformava em um menino violento ao ser contrariado por alguma coisa; porém, com sentimento à flor da pele, terminava chorando. **L** é filho órfão de mãe que morreu de parto no seu nascimento e de sua irmã gêmea **L** também. Ambos filhos de pai vivo que os abandonou. Foram criados por uma senhora vizinha e amiga da mãe deles. Um outro caso refere-se a **T** (da turma A) e **V** (da turma C). Da mesma forma que **A** e **G**, **T** e **V** também atrapalhavam o percurso da aula. A professora Carlita repetia com estas últimas as mesmas práticas.

Muitos eram as tensões diagnosticadas: carência afetiva, a mudança hormonal, a ausência do pai ou mãe por abandono ou outras razões que os/as levavam a esses comportamentos. Além disso, percebeu que de 100 alunos, em média, 40% desse público do 5º ano, não tinha habilidade de decodificar o signo linguístico com fluência, ou seja, liam silabando, sem ritmo e com grave problema de prosódia. A professora Carlita, então, começou a exercitar negociações com a turma por meio de atividades mais complexas, para além das conversas pessoais. Decidiu realizar um projeto de intervenção sobre a problemática da leitura entre os adolescentes do 5º ano do ensino fundamental, da escola “X”.

Começaram a fluir muitas ideias entre as quais atender a pequenos desejos de cada um/a. Uma delas foi premiar com bombons de chocolate *Garoto* ou *Nestlé* durante o período da Páscoa, após o cumprimento de algumas tarefas como o “para casa”, treinamento da leitura e os exercícios na sala de aula. Aos poucos foi ganhando a confiança e o respeito da maioria da turma, ajudando-os/as a superar suas inquietu-

des, seus medos e insucessos na leitura. Entretanto, diante da sua condição profissional, a professora Carlita, sem condições reais de continuar aquela proposta de premiação, criou outra estratégia, sempre por meio de negociações e auscultando os interesses concretos e sensibilidades de cada adolescente. Dessa forma, ainda com algumas/alguns alunas e alunos desatentas/os ou desconcentradas/os, passou a abraçar cada um/a quando assumia uma atitude gentil, quando agradecia a/o outra/o e realizava uma tarefa, conversando em particular com aquelas/es mais inibidos ou mais renitentes.

Ao conhecer tantas histórias, a professora Carlita passou a trabalhar algumas dimensões da sensibilidade, como a afetividade, a intuição, a corporeidade (ARAÚJO, 2008) e, ao mesmo tempo, a habilidade de decodificação e fluência na leitura, utilizando o gênero literário poesia. Uma espécie de antologia de poemas foi posta à vista de todos/as que aos poucos iam brincando de ler e construir versos e jogos de palavras dos poemas.

Com esta perspectiva, na segunda metade do primeiro bimestre do corrente ano, a professora trabalhou o gênero literário poético, leitura em pequenos grupos, individuais, dentro ou fora da sala de aula, usando o microfone e caixa de som, condição muito agradável aos adolescentes. Foram selecionadas poesias de Cecília Meireles, da obra poética infantojuvenil “Ou Isto ou Aquilo” entre os quais os poemas: *Jogo de Bola*, *Colar de Carolina*, *Bolhas*, *As Meninas*, *Uma palmada bem dada*, *A chácara do Chico Bolacha* e *O menino azul*. Já de Vinícius de Moraes com *A casa*, *O Pateto Pateta*, *As borboletas* e, por fim, exploramos a leitura oral e compreensão da poesia cujo título é homônimo à obra – *Ou Isto ou Aquilo*. Outros poemas da literatura infantojuvenil de autores como Mário Quintana, Elias José, José Paulo Paes e Carlos Drumond

de Andrade. Deste último, foram trabalhados *José, Infância, Tinha uma Pedra no Meio do Caminho* entre outros, aproveitando a exposição cultural do Banco do Brasil que escolheu a escola municipal onde a professora Carlita trabalha. O resultado do trabalho com poesia nessa escola trouxe melhoria na decodificação do signo linguístico, desenvolvimento da oralidade, sensibilidade e gosto pelo texto poético, provocando entre alguns deles a criação de poesias. Outro exemplo de mudança nas relações dos alunos foi as situações da vida que devem ser escolhidas, a exemplo da poesia *Ou Isto ou Aquilo*, cujo tema diz respeito às dúvidas, às escolhas que o ser humano tem que fazer na rotina da vida.

No segundo bimestre, a professora optou por trabalhar histórias em quadrinhos, os chamados gibis – Mônica, Cebolinha, Cascão, Magali, Chico Bento e outros que foram conseguidos via doação de um grupo de profissionais do Tribunal de Contas do Estado do Piauí. Percebeu, ainda, que eles e elas devoravam os gibis, porém tinham dificuldade de lê-los de forma correta. A professora resolveu apresentar como ler gibis, observar as imagens, as reações dos personagens, as características e sentido dos balões, conforme o enredo da história.

Já no terceiro bimestre, continuando essa experiência Carlita começou a trabalhar textos narrativos da literatura infantojuvenil a exemplo de fábulas, contos e algumas memórias – a exemplo de *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry e a obra *A Cor da Ternura*, da autora Geni Guimarães. Nesse momento, a professora percebeu que a maioria das/os discentes sentiram uma certa “preguiça” em lê-lo, pelo fato de não estarem prontos para ler uma obra mais densa. Provavelmente essa mudança ou pouco avanço seja decorrente de a maioria ainda ter grandes problemas em realizar a leitura.

ra fluente: velocidade, prosódia e entonação. Ainda assim, os poucos leitores dessas obras, ajudaram na compreensão do livro, tendo em vista que a professora comprou o filme original da história do Pequeno Príncipe, facilitando a compreensão.

No quarto bimestre, incentivando a leitura de outros gêneros textuais que, de certa forma, fazem parte do cotidiano de adolescentes, foram explorados outros gêneros: convites (aniversário, casamento, lançamento de livros), cartas pessoais entre amigos, narrativa com diálogos e a criação de um “diário” a ser sistematizado até o final do ano. Concomitante a esses exercícios a professora começou a avançar para peças teatrais. Para tanto, mais uma vez, não encontrando livros do gênero teatral na escola, repetindo a mesma prática de compra de material com seus próprios recursos, ela mesma adquiriu cinquenta obras de teatro infanto-juvenil para iniciar o desafio da leitura de peças teatrais, cuja linguagem e formato exigem um leitor com certa “maturidade” e acompanhamento da professora para orientá-los. As obras selecionadas foram: *E agora, Rei Papudo?* de Walther Moreira Santos; *A Menina e o boizinho*, de Aci Campelo, professor e teatrólogo piauiense. A turma “B” está ensaiando a primeira peça; já a turma “C” está ensaiando a *A menina e o boizinho*. Esta última obra, sendo o autor piauiense e muito acessível, aceitou o convite da professora para dar uma palestra sobre teatro, de como os atores e atrizes devem se comportar no palco. Agora, os ensaios estão sendo realizados ora no contra-turno, ora nos momentos de recreio das aulas, sugerido pelos próprios alunos

Considerações Finais

Com esta experiência é possível pensar que a Cultura de Paz é uma realidade concreta, é possível de ser conquistada!



Quem decide atender desejos e interesses das pessoas com as quais trabalham, por mais conflitos que elas enfrentam, embora na condição de profissional de docente do Ensino Fundamental, no Brasil e, em especial, no Piauí, mas articulando bem a sensibilidade humana e a competência técnica de que certas profissionais possuem, não resta dúvida, a construção da Paz é possível!

Tudo isso prova que a Paz não significa ausência de conflitos, mas a sua construção exige o enfrentamento destes (JARES, 2002; MATOS, 2010). No caso desta experiência, como enfrentá-los? Quais as exigências, os critérios a serem negociados com a turma para conseguir a participação de meninas e meninos, de forma que elas e eles possam expressar os seus desejos, os interesses pessoais e comecem a expressar as respectivas subjetividades: emoções + cognições. (ARAÚJO, 2008).

Eis uma iniciativa para construção de conhecimento sistematizado da leitura somado ao percurso da história de vida de adolescentes, pautados em vivências e informações técnicas para a construção de uma prática de Cultura de Paz entre sujeitos tão vulneráveis. Dessas práticas surge a ideia de uma pesquisa-ação.

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, Ricardo. Trabalho e precarização numa ordem liberal. In: A Cidadania Negada. Orgs.: Pablo Gentili e Gaudêncio Frigotto. São Paulo: Cortez Editora, 2001, p.37.
- ARAÚJO, Miguel Almir L. de. Os Sentidos da Sensibilidade: sua fruição no fenômeno de educar. Salvador: EDUFBA, 2008.
- BOMFIM, Maria do Carmo A. do. Cultura de Paz: é possível? In: Escola: Faces da Violência. Faces da Paz. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012, p.2019.

- BOURDIEU, Pierre. A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Campinas – SP: Papirus, 1996.
- CAMPELO, Francisco Aci Gomes. A menina e o boizinho. Teresina: Edições A&C, 2007.
- JARES, Xésus R. Educar para a Paz: sua teoria e sua prática. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- JOSSO, Marie-Christine. Histórias de Vida. São Paulo: Cortez, 2002.
- MATOS, Kelma Socorro A. L de. A Paz Protege: experiências de Paz em Escolas de Fortaleza. In: Educação e Diversidade Cultural. Orgs. Maria do Carmo Alves do Bomfim, Kelma Socorro A. L. de Matos, Ana Beatriz Sousa Gomes, Ana Célia de Sousa Santos. Fortaleza: Editora UFC, 2010, p.36.
- MORIN, Edgar; MATURANA, Humberto Educar na Era Planetária. São Paulo: Cortez, 2003.
- PEIXOTO, Ana Maria C.; PASSOS, Mauro. A Escola e seus atores: educação e profissão docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- SANTOS, Walter Moreira. E agora Rei *Papudo*? São Paulo: Paulinas, 2006.
- SERRANO, Gloria Pérez. Educação em Valores. Trad. Fátima Murad. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.